

O que a epistemologia histórica, a filosofia da ciência e a história da ciência têm a dizer a respeito de um evento contemporâneo, como este que estamos vivendo: a pandemia? Se é correto afirmar que as investigações nestas três áreas, cujas fronteiras e limites são fluidos, deslizantes e mutáveis, surgem a partir de questionamentos e inquietações vividos por aqueles(as) que os sentem, o que faz do ‘retorno’ ao passado uma possibilidade, rica não apenas por permitir o entendimento de que como se chegou à situação atual, mas também – e talvez principalmente – por viabilizar o reencontro com aquelas opções não exploradas adequadamente, de que forma pode, então, a pandemia ser investigada por aquelas áreas do saber, acima referidas?

A resposta não parece ser assim tão difícil: a pandemia nos questiona acerca da nossa atual concepção de ciência, bem como como esta última “vê” e “compreende” a “sua” relação com a sociedade e a natureza. E é natural que assim seja, na medida em que a epistemologia histórica, a filosofia da ciência e a história da ciência se dedicam, se preocupam, em entender e descrever este fenômeno, usualmente conhecido pela designação “ciência”. A pandemia que ora nos assola nos leva a refletir sobre as nossas práticas científicas e como elas se espriam, a partir de dentro, pelo tecido social.

O nosso modo de vida é agora questionado por meio da relação, ou vinculação, que vimos mantendo com a natureza nos últimos séculos. Natureza, esta, que vem sendo substituída pela tecnociência, que vem sendo reiterada pelo compromisso, supostamente natural, de acreditar que a ciência, um dia ou outro, de um jeito ou de outro, desemboca, ou desagua, na tecnologia. A pandemia é uma oportunidade – não é a primeira, nem será a última – de reconhecermos que a vida não acontece contra a natureza. O embate contra a natureza é um jogo de cartas marcadas; já se sabe qual será o lado que permanecerá.

A pandemia é mais do que uma doença, ela é mais do que um fenômeno médico ou científico, ou mesmo mais do que um evento sócio-político. A pandemia é um questionamento a respeito do nosso modo de vida. Nada mais do que isto. Não será o primeiro, não será o último. Nos dias que correm, é uma trivialidade (ao menos para muitos) que as sociedades humanas são em muito marcadas, configuradas e determinadas pela ciência e seus desdobramentos tecnológicos. Assim, não é apenas a nossa relação com a natureza que é colocada em xeque pela pandemia, mas talvez, antes desta, a nossa relação com a ciência, isto é, o valor que damos a ela.

A pandemia talvez somente possa ser superada se aceitarmos que a sua principal contribuição não diz respeito àquilo que estamos fazendo com a natureza (a resposta a esta pergunta já é conhecida há séculos), mas o que estamos fazendo com a ciência, com o conhecimento. O nosso fazer científico nos desobriga, cientistas e cidadãos, de defender que os valores são constituintes insubstituíveis do nosso modo mais autêntico de conhecer a natureza. Isto não é bom; estamos afastados da ciência, a qual nos afastou da natureza e, em seguida, da vida.

Em suma, a pandemia parece ser a nossa oportunidade de explicitarmos de que algo não vai bem na ciência. O presente número, o oitavo, da Revista *Em Construção* traz um dossiê de ensaios sobre a pandemia

de autoria e conteúdo tão heterogêneos quanto o é a própria identidade do grupo ECTS que nele publica. Este grupo, que lidero junto a outros colegas, oficialmente, desde 2010, considera relevante analisar a ciência a partir das suas implicações e/ou pressupostos ontológicos e metafísicos. Para além dos ensaios, contamos também com dois artigos importantes para pensarmos uma crítica à ciência moderna e ao momento presente, e uma entrevista sobre as ciências da vida e um mundo pós-pandemia com os professores Vera Portocarrero e Vinícius Carvalho da Silva, e o mestrando Wigson Rafael da Costa. A diversidade presente nesse número, assim esperamos, aponta para que a epistemologia histórica, a história da ciência e a filosofia da ciência possam cumprir os seus papéis e ajudem a ciência a recuperar o seu bem-estar.

*Antonio Augusto Passos Videira*

*Editor-chefe*